

Processualidades da pesquisa empírica no Portal clicRBS e as experiências em Jornalismo 3G

Grace Kelly Bender Azambuja*

Resumo: Este artigo pretende sintetizar a abordagem empírica sobre a produção em jornalismo 3G, objeto de estudos da autora no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Deste modo, orientou-se a pesquisa de campo à observação, coleta, análise e interpretação de dados sobre os processos produtivos de ‘vídeos-notícias’ operados em tempo real (ao vivo) com tecnologia móvel de terceira geração no Portal clicRBS. Em combinação com métodos e técnicas complementares de coleta, planejados sob medida e fundamentados nas ciências sociais tradicionais, a entrevista semi-estruturada é o principal instrumento na obtenção de dados relevantes para o presente estudo.

Palavras-chave: *Jornalismo 3G; clicRBS; processos produtivos; pesquisa empírica de campo.*

Processivity of empirical research on the clicRBS portal and the experiences in 3G Journalism

Abstract: This article summarizes the empirical approach on 3G Journalism production, our study object in the Postgraduate Program in Communication Sciences at Unisinos. The field research was guided upon observation, collection, analysis and interpretation of the production processes of ‘video-news’ operated live with third-generation mobile technology on clicRBS portal. In combination with complementary methods and techniques of data collection, the semi-structured interview is the main tool in obtaining relevant data for this study.

Keywords: *3G journalism; clicRBS; productive process; empirical research; empirical field research.*

Artigo recebido em:
10 de setembro de 2009
Aprovado em:
24 de abril de 2010

* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista Capes/Prosup e integrante do Grupo de Pesquisa “Estudos em Jornalismo” (GPJor/CNPq).

gracekba@gmail.com

Jornalismo e Mobilidade 3G: contextualização do objeto

A introdução da mobilidade nas práticas jornalísticas tem permitido a emergência de novas práticas e novos modos de produção da informação jornalística dentro dos grandes veículos de imprensa. O jornalismo móvel, enquanto prática que viabiliza a cobertura de eventos diretamente do local de acontecimento ao mesmo tempo em que também permite a conexão em rede do repórter em campo, é uma das manifestações mais recente da reconfiguração do jornalismo face o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação.

A introdução desta nova ‘categoria de mobilidade’¹ no jornalismo tem permitido a emergência de novas práticas e novos modos de produção da informação jornalística dentro dos grandes veículos de imprensa. Em decorrência disto já se verificam variadas iniciativas no Brasil e no mundo apontando para diversos usos e apropriações na produção jornalística. Estas adaptações e novas formas de lidar com as tecnologias e conexões móveis variam de acordo com as necessidades de cada empresa e as especificidades de cada meio(os) em que elas atuam.

Muitos repórteres utilizam apenas celulares para produção de conteúdo multimidiático; já outros têm a sua disposição aparelhos dos mais sofisticados, de *palmtops* a *notebooks* com conexão sem fio; e há ainda repórteres munidos de uma multiplicidade de equipamentos móveis instalados em veículos automotores que funcionam como verdadeiras estações redacionais móveis. Com a possibilidade de publicação em múltiplas plataformas, são experiências geralmente realizadas para as mídias on-line², mas também, em escala menor, para as mídias televisivas³ ou mesmo em cross-media⁴.

De acordo com Bastos (2008, on-line) o jornalismo 3G é uma concepção que está ligada à última geração de telefones móveis. Serve também para exemplificar o que é última geração em termos tecnológicos e pretende simbolizar o último grito em termos tecnológicos aplicados ao contexto do jornalismo on-line. O jornalismo 3G também pode ser equiparado ao jornalismo móvel enquanto igualmente “prática jornalística que se utiliza da *web* móvel e de aparelhos como celular em condições de mobilidade”. (SILVA, 2008, on-line). Entretanto, esta terminologia em particular ressalta sua principal especificidade a respeito à viabilização de uma produção jornalística com tecnologias

¹ Esta nova ‘categoria de mobilidade’ aqui abordada, diz respeito à evolução dos suportes e conexões sem fio para uma nova fase da sociedade da informação, iniciada com a popularização da Internet na década de 1980, e radicalizada com o desenvolvimento da computação sem fio (celulares, smartphones, notebooks, etc.) e expansão das redes de acesso à Internet sem fio. (LEMOS, 2004, on-line). Outras ‘categorias de mobilidade’ já impactaram a produção e disseminação de informação. O “telégrafo wireless” foi a primeira invenção elétrica do século XIX a enviar mensagens a longa distância com um aumento relativo da “velocidade de transmissão de informação, pública e privada, local e regional, nacional e imperial” (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 142) sem a necessidade de conexões com fios. Na mídia radiofônica, o tradicional uso síncrono (serviço de voz) já provocou consideráveis mudanças no radiojornalismo desde o início da década de 90, ao agilizar a cobertura diária dos acontecimentos.

² Exemplos: Reuters, BBC, Jornal NH e clicRBS.

³ Exemplos: TV Band, TV Jornal (afiliada do SBT) e RJTV.

⁴ Cross-media neste caso diz respeito à possibilidade de uma empresa distribuir a mesma informação simultaneamente em diferentes tipos de mídia, como TV e on-line.

de transmissão de dados em redes móveis de 3G (terceira geração)⁵ contínua (banda larga) e em tempo real.

De fato o jornalismo 3G tem se destacado, sobretudo, por lidar com uma tecnologia de última geração, a 3G, e possibilitar a convergência multimidiática em plataformas como o celular e o *notebook*.

Anteriormente, um jornalista fazia-se acompanhar do seu equipamento básico. O jornalista de imprensa com um bloco de notas e caneta, o da rádio com microfone e gravador e o de televisão com câmara de vídeo. Hoje em dia, basta uma nova tecnologia de topo, como um telemóvel 3G, para fazer tudo isso (AROSO; CORREIA, 2007, on-line).

Na tentativa de compreender o impacto da comunicação móvel, em especial o 3G, sobre a produção jornalística, o recorte do *corpus* empírico ficou delimitado na pesquisa de um veículo de jornalismo que proceda mediante o uso desta tecnologia. O objetivo será analisar como a redação do Portal clicRBS tem se reestruturado frente ao surgimento de novas práticas que viabilizam uma produção de conteúdo on-line, em tempo real e multimídia descentralizado das estruturas fixas da empresa.

Jornalismo 3G e o portal clicRBS: Processualidades da pesquisa de campo

Por ser a segunda empresa jornalística gaúcha a experimentar transmissões ao vivo para a *web* com tecnologia 3G e também a única ainda em plena atividade, definiu-se o Portal clicRBS como objeto empírico da pesquisa desenvolvida para o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). A partir disto, foram estabelecidos alguns problemas específicos de pesquisa decorrentes da problemática principal “O que muda na prática jornalística quando ele é produzido mediante plataformas móveis de conexão 3G como ferramenta de trabalho?”:

- Como o clicRBS está se apropriando das ferramentas móveis de conexão 3G na produção de conteúdo informativo?
- De que forma são produzidos estes conteúdos?
- Quais os critérios de noticiabilidade utilizados numa cobertura com 3G?
- O que a mobilidade pode alterar e/ou afetar nas rotinas produtivas do Portal e valores-notícia?

Num segundo movimento, selecionou-se dentro do método qualitativo, de acordo com a natureza da pesquisa, a entrevista semi-estruturada como principal técnica para o estudo. Formuladas as questões norteadoras do estudo e definida a principal técnica, foram estabelecidas algumas primeiras

⁵ A terceira geração de padrões e tecnologias de telefonia móvel permite o acesso à Internet em alta velocidade para download/upload de dados, através de celulares capacitados e computadores portáteis com modem 3G. Neste caso, não estamos mais falando de tecnologias de voz, mas sim de computadores que também terão recursos de voz.

aproximações através de buscas na *web* e contatos por e-mail com os editores responsáveis pelo projeto. Em maio de 2009 realizou-se a ida à campo para a aplicação de entrevistas, com roteiro de perguntas previamente elaborado, com os dois editores do clicRBS, Fabiane Echel, editora geral, e Rafael Soares, editor multimídia. A entrevista foi conduzida com perguntas do tipo aberta que ofereceram maior flexibilidade na obtenção de informações importantes mediante descrição verbal e contato presencial entre a entrevistadora e os dois entrevistados.

Com abordagem do tipo em profundidade, a entrevista contemplou, dentre outras questões, os seguintes aspectos: - como surgiu esta proposta; - quais primeiras ideias até a primeira transmissão de fato; - como é feita a produção; - quais os passos desde a concepção até a difusão da matéria; inserção da prática nas rotinas produtivas; - como são feitas as reuniões de pauta; - quais as perspectivas futuras. Neste encontro foram utilizadas anotações e gravação digital no registr. De forma complementar a este procedimento, também ocorreram conversas informais para a tomada de conhecimento da parte técnica envolvida na produção jornalística do clicRBS e levantamento de dados (data/local/tema) sobre as transmissões ocorridas até o presente momento.

“Quem sabe faz ao vivo”: análise descritiva do *corpus* obtido

Desde junho de 2008, após o advento das redes 3G no Rio Grande do Sul no final de 2007, a área multimídia do clicRBS vinha trabalhando na transmissões de eventos através de chamadas de vídeo. A ideia original, de acordo com Rafael Soares (2009)⁶ “era fazer dois celulares ‘conversarem’, como uma chamada de uma pessoa para outra” só que, no caso, a câmera do celular seria apontada para o alvo a ser transmitido. No final de 2008 este sistema foi utilizado na transmissão de uma entrevista coletiva. Entretanto, a experiência não foi bem sucedida e a baixa qualidade do vídeo foi considerada imprópria pelos editores.

Esta proposta antiga da editora Fabiane Echel evoluiu no início de 2009 para a criação de um kit móvel de conexão 3G exclusivo para o Portal, que será denominado aqui de “Kit 3G”. Ao invés de um celular com conexão 3G, o grupo adaptou uma câmera de vídeo a um *notebook* Dell com modem 3G⁷. Apesar de o equipamento representar um volume consideravelmente maior do que um telefone celular, o processo técnico ainda é simples: com uma câmera conectada ao computador portátil dentro de uma mochila nas costas, o repórter captura as imagens e as envia diretamente para o servidor de vídeos do clicRBS. Ocasionalmente, dependendo da necessidade, um microfone externo é acoplado ao kit.

Em janeiro de 2009 o grupo realizou a primeira transmissão efetiva, direto de Bento Gonçalves, com as integrantes do blog Clube da Bolinha⁸ enquanto

⁶ Artigo publicado no *blog.com.editor do clicRBS*. Disponível em <http://www.clicrbs.com.br/editor>.

⁷ O clicRBS tem trabalhado com o modem 3G de diversas empresas telefônicas sem se limitar à adoção de uma operadora específica, ao contrário da maioria dos projetos similares desenvolvidos nas empresas de jornalismo. A intenção é testar o modem que ofereça a melhor conexão.

⁸ O Clube da Bolinha é um blog de abordagem feminina sobre o futebol publicado no portal clicRBS. Disponível em <http://www.kzuka.com.br/clubedabolinha>.

elas apresentavam o programa na Rádio Rural. O êxito desta primeira experiência e a abertura do Gauchão três dias depois motivou os editores do clicRBS a realizar uma nova transmissão ao vivo, direto do estádio Beira-Rio em Porto Alegre. A movimentação dos torcedores antes da partida foi transmitida por Rafael Soares e pelo repórter Juliano Schüler. Na ocasião, a equipe da televisão não teria condições de fazer a cobertura devido à impossibilidade de deslocamento da unidade.

Já no dia 26 do mesmo mês, a equipe do clicRBS foi surpreendida pelo incêndio da vila Chocolatão, no centro de Porto Alegre. Com o Kit 3G acomodado em uma mochila nas costas, Rafael Soares demorou apenas o tempo de montar o equipamento e chegar até o local. Com este equipamento, o jornalista conseguiu burlar o bloqueio, adentrar a Vila e capturar ao vivo as primeiras imagens do foco do incêndio, uma área até então de acesso restrito à imprensa. As cenas registradas renderam meia-hora de cobertura do evento diretamente para o site do clicRBS e também ao vivo para o canal TVCOM em cross-media.

No dia 27 de janeiro a equipe de Jornalismo 3G voltou ao estádio Beira-Rio para a cobertura da apresentação de dois novos jogadores no clube de futebol Internacional. Com este vídeo ao vivo, o Portal obteve em torno de 12 mil acessos em pouco mais de uma hora de transmissão. As coberturas posteriores em sua maioria foram dedicadas aos eventos esportivos, a principal linha editorial do clicRBS, em especial aqueles envolvendo a dupla gaúcha de futebol Grêmio e Inter. A tabela a seguir sistematiza todas as transmissões feitas de janeiro a março de 2009:

Tabela 1: Transmissões clicRBS

Transmissão	Data
1 Clube da Bolinha ao vivo de Bento	17/01/09
2 Abertura do Gauchão, Inter x Santa Cruz no Beira-Rio	20/01/09
3 Incêndio na Vila Chocolatão	26/01/09
4 Apresentação jogadores Alecsandro/Kleber no Inter	27/01/09
5 Apresentação jogador Herrera no Grêmio	30/01/09
6 Sala de Redação velório Candido Norberto	02/02/09
7 Lançamento camisetas 2009 Inter	04/02/09
8 Lançamento camisetas 2009 Grêmio	10/02/09
9 Pré-jogo Grêmio x Juventude	12/02/09
10 Apresentação jogador Maxi Lopez no Grêmio	16/02/09
11 Pré-jogo Grêmio x Juventude	21/02/09
12 Pré-jogo Grêmio x U. de Chile	25/02/09
13 Pré-jogo Grenal	01/03/09
14 Sequestro presidente Corsan	09/03/09
15 Acidente na Protasio Alves	12/03/09
16 Clube da Bolinha no hotel da seleção	30 e 31/03

Fonte: clicRBS

Semanalmente, às segundas-feiras, os editores da empresa realizam a reunião de pauta geral na qual decidem se haverá vídeos off-line e/ou on-line nas edições da semana. O que define a produção ou não de vídeos ao vivo são critérios que dizem respeito à viabilidade técnica e ao potencial de audiência.

Em termos técnicos, as gravações são veiculadas em *Real-time Video Streaming*, uma tecnologia de transmissão de dados que possibilita a disponibilização pela Internet do vídeo que está sendo captado no local do acontecimento ao mesmo tempo em que é produzido. Ou seja, a informação é exibida ao usuário em *streaming* combinado com a produção ao vivo. Até a introdução das redes 3G no Rio Grande do Sul, o clicRBS já contava com a transmissão de vídeos ao vivo para o Portal, como a previsão do tempo todas as quintas-feiras por Leo Kuhn direto da Rádio Gaúcha⁹. Entretanto, esta produção não possui a mesma mobilidade que o Kit 3G propicia e se limita apenas às estruturas físicas da redação no prédio do Grupo RBS.

Sempre que houver uma transmissão ao vivo em andamento, uma chamada com destaque para o 'AO VIVO' redigido em caixa alta deverá aparecer simultaneamente, indicando o acesso ao vídeo. O destaque em vermelho na figura abaixo ilustra o exemplo da cobertura ao vivo das preliminares para a partida final do gauchão, no Beira-Rio:



Figura 2: A chamada na capa "AO VIVO: Clube da Bolinha direto do Estádio Beira-Rio" informa os internautas sobre a transmissão ao vivo com 3G.

Em abril de 2009 o clicRBS foi obrigado a descontinuar o projeto devido à problemas técnicos na câmera de vídeo que inviabilizaram o seu funcionamento. Neste meio tempo o blog Pré-Jogo, também pertencente ao portal clicRBS, porém atualizado pela equipe da Zero Hora, estava realizando cobertura diária dos treinos da dupla Grêmio e Internacional. Desde então a ferramenta utilizada, o *Cover it Live*, tem possibilitado aos repórteres a atualização do blog diretamente do local onde ocorrem os treinos de futebol. O *Cover it Live* é uma solução gratuita desenvolvida para a cobertura ao vivo em *weblogs*. Inserido na página como um *widget* (uma espécie de janela), ele automatiza todo o processo com os horários corretos em cada linha de postagem, chat para a participação do público, arquivo de toda a narração e um sistema de busca

⁹ A Rádio Gaúcha é uma estação de radio também pertencente ao Grupo RBS.

interno. Com apenas um *notebook*, textos e imagens são enviados diretamente para o *website* do blog com esta ferramenta.

Em outubro de 2009 o Portal reiniciou os testes em jornalismo 3G, porém desta vez utilizando outras tecnologias. Ao invés de câmera de vídeo conectada a um *notebook*, optou-se por um aparelho Nokia de celular N95, conexão 3G e o *software* Qik para as transmissões em *live streaming*. Em novembro foi feita uma nova ida à campo para entrevista informal com Rafael Soares e conversas com outros jornalistas que se encontravam na redação do clicRBS

Na ocasião também foram realizados testes com o celular utilizado pelo site do Qik. O Qik, solução escolhida pelo portal, é um dos serviços mais populares de gravação e *streaming* de vídeo ao vivo, especializado em transmissões por celulares. Este *software* permite tanto que o vídeo seja produzido em tempo real e disponibilizado no mesmo instante no próprio site do clicRBS quanto também off-line, gravado sem ser imediatamente disponibilizando para que somente depois, ao chegar na redação, o repórter possa o publicar quando bem desejar. Neste segundo caso, a produção off-line com um aparelho de celular com tecnologia 3G se igualaria a uma câmera de mini DV ou uma máquina fotográfica digital.

Interpretação dos dados

Alguns aspectos na produção em Jornalismo 3G do clicRBS chamam a atenção para três reconfigurações importantes do jornalismo: 1) Novas usabilidades e apropriação de dispositivos tecnológicos móveis na cobertura; 2) Convergência multimidiática; 3) Implicações nos processos de produção informativa e *newsmaking* – noticiabilidade.

As novas usabilidades e emprego de dispositivos móveis no clicRBS revelam novas formas de lidar com o ambiente urbano e com a informação em tempo real. Agora a própria rua torna-se meio onde a produção, edição e disseminação de conteúdo noticioso acontecem (MACHADO, 2003). A convergência multimidiática em apenas uma única plataforma móvel capaz de enviar imagem, som e texto diretamente para o ciberespaço¹⁰ possibilita o clicRBS chegar a lugares e de forma muito mais rápida que a própria televisão. Se antes o olho eletrônico televisivo chegava onde o olho humano não podia chegar (ALSINA, 1989), agora pode-se dizer que o olho digital móvel do Kit 3G formado por equipamentos capacitados com câmeras de vídeo chega onde o olho eletrônico convencional não consegue chegar.

O caso do incêndio na Vila Chocolateira exemplifica bem esta possibilidade técnica viabilizada pelas tecnologias móveis. Durante esta cobertura, as emissoras de televisão foram impedidas de entrar no local do incêndio e apenas o jornalista Rafael Soares do clicRBS conseguiu gravar imagens ao vivo diretas do local: “Eu não tinha cabo, eu não tinha impedimento nenhum. Eu consegui me virar, enquanto, os outros não”.

O que para a televisão se torna evento de difícil cobertura, para um “Re-

¹⁰ Espaço virtual que faz uso de meios de comunicação como a Internet para troca de informação e também como suporte de memória da humanidade (LÉVY, 1999, p. 93)

pórtter 3G” pode ser muito mais prático. Dispositivos móveis de comunicação como os usados pelo Grupo RBS estão se aproximando do que Weiser (1994, on-line) propunha já na década de 90 como a mídia ideal de comunicação. Sua presença passa a ser cada vez menos percebida, tornando-se praticamente “invisível” pelo uso.

Uma boa ferramenta é uma ferramenta invisível. Por invisível, eu quero dizer que a ferramenta não intervém na nossa consciência; você se concentra na tarefa, não na ferramenta. Óculos são boas ferramentas – você olha para o mundo e não para os óculos.¹¹

Desta forma o jornalista conseguiu entrar no local com uma família de moradores da vila sem que pudesse ser notada a sua presença com o Kit 3G carregado dentro da mochila. A racionalização do tempo assim como a presença quase “invisível” do Kit 3G, também coloca esta tecnologia um passo à frente da mídia televisiva. Enquanto a produção televisiva demanda certo tempo para realizar uma transmissão ao vivo, com o deslocamento de aparelhos volumosos e uma equipe numerosa, a transmissão do clicRBS demora em média no

máximo entre 10 a 15 minutos para ir ao ar. A equipe para este tipo de produção é consideravelmente menor – no mínimo um profissional realizando a cobertura em campo, outro profissional para a sincronia da transmissão diretamente para o Portal e mais um para acompanhar a qualidade da transmissão.

Em outros casos, como o evento de apresentação dos jogadores do Internacional no estádio Beira-Rio, a equipe de televisão do Grupo RBS não estava apta para descolar uma unidade inteira para o local. Geralmente, este tipo de cobertura se adapta melhor à rádio, no entanto sem a possibilidade de oferecer aos ouvintes as imagens do evento. Nestas

qualidades de transmissões, como a cobertura pré-jogo, o jornalismo 3G do clicRBS transmite o que a TV não pode e a imagem que falta para a rádio.

Outras reconfigurações da produção jornalística dizem respeito ao espaço de atuação do profissional e a concretização do conceito de tempo real.

A oportunidade se encontra exatamente na concretização do conceito de tempo real, anunciado nos anos 1990 como a panaceia para os jornais que haviam entendido a necessidade de manter suas redações permanentemente abertas, para produzir notícias 24 horas por dia. Com os aparelhos móveis, a notícia em tempo real acontece de fato, pois pode alcançar o objetivo em qualquer lugar e a qualquer hora, transmitida no ato do próprio local do acontecimento, com imagens, texto e sons... (COSTA, 2003, on-line)

¹¹ Tradução feita pela autora. “A good tool is an invisible tool. By invisible, I mean that the tool does not intrude on your consciousness; you focus on the task, not the tool. Eyeglasses are a good tool -- you look at the world, not the eyeglasses.”

A organização espacial é condição *sine qua non* para a adequação do trabalho jornalístico dentro das rotinas produtivas

O jornalismo 3G do clicRBS tem sido tanto um aliado na busca pela inovação tecnológica quanto na possibilidade de *streaming* de vídeos em tempo real, diretamente do local do acontecimento, em tentativa de domínio dos aspectos espaço-temporais. A despeito de seu determinismo tecnológico, McLuhan (1999) já entendia que o homem, na tentativa de dominar o ambiente, inventa ferramentas que seriam extensões do seu próprio corpo. A tecnologia, portanto configuraria o processo do fazer jornalístico, da circulação e do consumo na notícia.

Em outras palavras, o uso deste tipo de comunicação, seja dentro das rotinas produtivas do jornal ou como forma complementar na produção de matérias, trata-se de um insumo que, no momento em que racionaliza o tempo e desprende o repórter das quatro paredes do ambiente fixo de redação, também potencializa vantagens competitivas para a empresa.

Nas observações de campo conduzidas por Gaye Tuchman (1983) no final da década de 1960 e anos 1970, a pesquisadora introduziu a noção de rede informativa para explicar como as empresas jornalísticas tentam impor ordem no espaço dentro dos seus processos produtivos. Segundo a autora, há três estratégias para cobrir o espaço: 1) a territorialidade geográfica, espaço de território geográfico; 2) especialização organizacional, com cobertura em determinados lugares e pontos estratégicos; 3) especialização temática, com divisão em editorias.

Destas três estratégias, a territorialidade geográfica seria a de maior importância nos esforços de cobertura do território face às imprevisibilidades. Os meios de informação dividem, então, o mundo em áreas de responsabilidade territorial, ou seja, questões concernentes ao deslocamento dos repórteres e a localização do acontecimento.

Na produção da notícia, as decisões tomadas pelos jornalistas acerca do que é noticiável estão subjugadas a critérios de relevância intrínsecos ao processo de produção e, portanto, estão circunscritas à abordagem do *newsmaking*. “Essa abordagem articula-se, principalmente, dentro de dois limites: a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos” (Wolf, 1999, p. 188). Na produção da notícia, a organização espacial é condição *sine qua non* para a adequação do trabalho jornalístico dentro das rotinas produtivas.

Os valores/notícia derivam de pressupostos, como, por exemplo, o que está relacionado à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo. Portanto, trata-se de congruência com as disponibilidades técnicas e de organização, tendo em vista as restrições para realização da notícia de acordo com os próprios limites que cada empresa jornalística possui. É necessário saber

quão acessível é o acontecimento para os jornalistas, quão tratável é, tecnicamente, nas formas jornalísticas habituais; se já está estruturado de modo a ser facilmente coberto; se requer grande dispêndio de meios para cobrir. (Goldin, P.; ELLIOT, P. 1979 apud WOLF, 1999, p. 206).

A presença *in loco*, com o profissional trabalhando desde a apuração, edição e publicação da notícia, passa a refletir sobre alguns dos valores/notícia. Com uma maior flexibilidade no exercício do jornalismo, coberturas de eventos que antes não estavam nos critérios do clicRBS agora recebem outros valores/notícia, caso do incêndio na Vila Chocolate.

Entretanto algumas dificuldades técnicas inviabilizam determinadas transmissões realizadas. A falta de cobertura em alguns pontos de Porto Alegre e a instabilidade das redes 3G, com cortes súbitos da conexão, ainda limitam a atuação nesta área. As qualidades gráficas da imagem também ainda não superaram a imagem televisiva. De todo modo, este novo tipo de jornalismo, praticado com a disponibilidade de ferramentas móveis e conexões móveis, já aponta para reconfigurações não só no modo de produção da informação na mídia on-line, mas também na função até então exercida pelas outras mídias, como a televisão. Assim como o jornal impresso diário vem sofrendo reconfigurações no conteúdo em decorrência do *webjornalismo*, é provável que, com a consolidação do jornalismo 3G e o *streaming* de vídeo em tempo real, a televisão passe também a sofrer um mesmo tipo de reconfiguração quanto ao formato.

Referências Bibliográficas

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989.
- AROSO, Inês; CORREIA, Frederico. A Internet e os novos papéis do jornalista e do cidadão. **Revista Eletrônica Temática**. 2007. n.7. Disponível em <http://www.insite.pro.br/2007/35.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2009.
- BASTOS, Helder. VÍDEO: Helder Bastos explica o que é Jornalismo 3G. **I Congresso Internacional de Ciberjornalismo**. 2008. Universidade do Porto. Disponível em <http://blogciber.wordpress.com/2008/12/11/video-helder-bastos-explica-o-que-e-jornalismo-3g/>. Acesso em: 14 jul. 2009.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004. 377 p.
- COSTA, Luciano Martins. Vem aí a nuvem da imprensa móvel. **Observatório da imprensa**. 2003. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/sai260820031.htm>. Acesso em 20 jul. 2009.
- LEMONS, André. Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão. **Razón y Palabras**. 2004. n. 41. Disponível em <http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/alemos.html>. Acesso em: 14 jul. 2009.
- LÉVY, Pierre. A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, F. M, SILVA, J. M. da (Orgs.). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina, 1999. p. 195-216.
- MACHADO, Elias. **Ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003. 183 p.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 11. ed São Paulo: Cultrix, 1999. 407p
- SILVA, Fernando Firmino da. Jornalismo live *streaming*: tempo real, mobilidade e espaço urbano. **SBPJOR - VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. 2008. Disponível em <http://sbpjour.kamotini.ghosthost>.

net/sbpjor/admjour/arquivos/individual40fernandofirmino.pdf. Acesso em: 30 mar. 2010.

SOARES, Rafael. Quem sabe faz ao vivo. **Blog.com.editor**, Porto Alegre, jan. 2009. Disponível em <http://www.clicrbs.com.br/editor>. Acesso em: 15 jul. 2009.

TUCHMAN, Gaye. **Producción de la noticia**: studio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

WEISER, Mark. The World is not a Desktop. **The ACM Digital Library**. Disponível em <http://portal.acm.org/citation.cfm?id=174801>. Acesso em: 15 jul. 2009.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. 5. ed Lisboa: Presença, 1999. 271 p.